

rodrigo bittencourt

**esmalte vermelho**

**Língua  
Seraj**

*Ruan cresceu assim:* escola, futebol, um pouco de música e mulheres! Era fã de Michael Jackson, gostava de funk e imitava Axl Rose, segurando uma vassoura que fazia de pedestal e microfone. Dançava “Paradise City” no meio da sala, com o volume no talo, junto do amigo Madruga — um pedreiro maluco que não saía de lá porque sempre tinha alguma coisa que o pai de Ruan queria que ele consertasse. Além disso, roubava alguns livros na pequena biblioteca da escola, mais por adrenalina do que por interesse literário. Vivia uma vida cheia de encantos suburbanos, regados pelos quitutes feitos por sua mãe.

Desde menino, reconheceu nas mulheres parte fundamental de sua existência. Sabia que todas elas iriam lhe valer pelo resto da vida. A figura feminina estava sempre presente. Amava futebol. Admirava Zico, mas gostava mesmo era de Romário: em começo de carreira, o baixinho arrasava. Achava um desperdício um craque como aquele jogando

no Vasco. Ruan era Flamengo roxo. Daqueles de botar bandeira na janela, daqueles de escutar hino do clube, daqueles de botar o rádio nas alturas numa quarta à noite, daqueles de se trancar no quarto quando o time perde, daqueles que sabem todos os cantos de guerra da torcida, daqueles que têm autógrafo na camisa e que não lavam pra não sair o rabisco. Mas ainda havia Maradona. Dizia que Dieguito era, junto com Romário, o único poeta vivo do futebol moderno, o único rebelde. Sabia da existência de Garrincha e o respeitava feito um santo, feito um Deus, acima de todos os mortais. Se Pelé é rei, Garrincha é Deus. Era o que falava. Ruan sempre tomou mais pancada do que deu nas peladas que jogava tentando ser Romário ou Maradona.

Quando a briga era inevitável, juntava muita gente de fora pra ver; torcer pra um, torcer pra outro. O lugar ficava animado e a garotada se divertia. A regra ali também era clara e, de forma alguma, ninguém podia separar uma briga começada. Então, Ruan sofria. Saía sempre machucado. Mas até que tinha suas compensações, porque o garoto era sempre auxiliado por duas ou três meninas que assistiam indignadas aos combates. Tinha dias em que seus adversários deixavam Ruan bater para assim tirarem proveito das meninas. Mas não adiantava, porque quando Ruan ganhava uma dessas porradarias, as meninas comemoravam e saíam com ele abraçado, dando beijinhos. A

moçada ficava puta dentro da roupa, mas sabia que Ruan tinha algum pensamento à frente quando se tratava de mulher. O garoto também era o queridinho das professoras, das alunas, das amigas da rua... Recebia agrados até das meninas de outros lugares. Quando passava por entre um bairro e outro, para ir a uma festinha ou pra tomar um sorvete, elas diziam assim: “Chiii! Eu acho que vi um gatinho!” Ele sorria e passava, passava como Dorival passa e não liga na música de Gil, chamada “Buda Nagô”. Os outros meninos não gostavam muito, é claro. Não da música de Gil, mas da atitude de Ruan. Era Ruan chegar na casa de um amigo e pronto: ou a irmã deste aprontava alguma para ficar perto do garoto, ou a própria mãe já vinha oferecendo quitutes, colocando Ruan na mesa e papeando até não poder mais. Até a hora daquele seu amigo, enfezado e cheio de ciúmes, chamá-lo pra dentro do quarto e trancá-lo lá a custa de uma nova fita de Atari ou de um novo pôster de Maradona.

Ruan passou sua infância sendo protegido pelas mulheres, mesmo quando fazia arruaça. Ele aprontava mil e uma com todo mundo. Teve uma vez em que Ruan se juntou com Pará, organizou plano seguro, fez mapa, traçou rota e despejou mísseis SCUD em diversas casas estrategicamente localizadas no lugar onde moravam. As bombas explodiram a partir das 2h da manhã, a cada cinco minutos,

em cada casa. Eram dez no total! Ficava curtindo o barulho das explosões fingindo que dormia em seu quarto.

Mas se acham que Ruan se interessava tanto assim pelas mulheres, aí é que se enganam. Nessa fase, pré-adolescente, o cara pensava mais em bagunça, futebol e fama. Tinha construído um certo prestígio na escola por ser o maior bagunceiro de lá, ganhando respeito e admiração dos colegas por onde passava. E ele adorava isso. Em mulher mesmo só foi pensar com certa seriedade quando completou 15 anos, se apaixonando de verdade por uma menina lindíssima chamada Carla, Carlinha. A gurria se parecia muito com a Carolina Ferraz. Sabe aquele charme? Pois é, Ruan se apaixonou primeiro pelo modo que Carlinha caminhava... Parecia uma modelo, tinha estilo e admirava Ruan porque ele era um rebelde, um moleque safado, engraçado, cínico e bonito.

Em sua rua havia uma nova vizinha, chamada Sabine, morena, olhos cor de mel e cabelos bastante lisos e castanhos. Tinha acabado de mudar pra lá e, quando passava, batia um frisson na garotada... Ruan estava com 17 anos, já pensava em alugar seu cantinho em outro bairro, para sair debaixo das asas dos pais. Mas nessa altura da vida o corpo queima e uma mulher como aquela era propriamente um inferno completo rondando dia e noite a cabeça de um me-

nino. Ainda mais um menino como Ruan. Então o garoto resolveu ficar um pouco mais na casa de seus pais por causa disso. E ela sabia que mexia com o imaginário de todos aqueles meninos e se excitava com isso também. Parecia não ter namorado — marido era certo que não tinha —, para a alegria da meninada que vira-e-mexe arrumava algum jeito de tirar uma casquinha da moça. Tentavam de tudo: arrumavam de subir na árvore em frente à casa da morena, ajudavam-na prontamente quando chegava com as compras da semana numa sacola pesada, ralavam os joelhos de propósito e chegavam lá meio chorões pedindo pra ela fazer o curativo, capinavam seu jardim, pintavam suas paredes, davam água para as samambaias que eram a preferência de Sabrina. Enfim, faziam o diabo pra chegar perto daquele mulherão.

Mas Ruan era sempre diferente. Não fez nada que o resto fez, não tentou nada que o resto tentou. Ganhava aquela mulher aos poucos, paulatinamente, com o olhar. A cada dia ia minando sua resistência e criando nela uma curiosidade crescente. Que ela era um fenômeno, um espetáculo, disso Ruan sabia, e sentia a mesma vontade que os garotos, mas era sempre na diferença que o menino apostava desde cedo, desde os 15 anos, quando conquistou Carlinha e a perdeu seis meses depois.

Quando a vizinha passava, o menino dava apenas um olhar tímido para ela e abaixava a cabeça, indo fazer o

que tinha de fazer depois. Foi assim durante uma semana. Embora Sabrine já conhecesse a maioria dos garotos do condomínio e dos homens também, Ruan não se aproximava muito. Depois de mais uma semana, um breve “oi” era o que ela tinha recebido dele. A curiosidade sempre aumenta nesses casos. Ainda mais sabendo que Sabrine não gostava muito de coroas e se interessava mesmo por moleques de no máximo vinte e poucos anos. Era o que se via quando ela chegava à noite com um bonitão em um carro esporte. O bruto devia ter uns 22 pra 23 anos e ela já devia estar com seus trinta e poucos por aí...

Passaram-se mais alguns dias e Sabrine estava cada vez mais inquieta com o comportamento de Ruan. A essa altura do campeonato, todos os rapazes daquele lugar não faziam cerimônias para ajudar a bela moça no que fosse preciso. Casados, descasados, namorados, lésbicas com ou sem namoradas e até gays achavam a mulher um deslumbramento. Cansou de passar perto de Ney, o mais viado de todos, e ser cantada. “Essa aí, se bobear até eu traço”, dizia ele.

Mas não era pra menos. Sabrine usava uns vestidinhos floridos que deixavam à mostra suas pernas bem morenas e brilhantes. Nos dias de sol era possível ver aquela penugem dourada bem fininha envolvendo seus braços. E quando decidia ir para a piscina, em seu terraço? Era uma loucura. Ficava todo mundo ouriçado, menos Ruan,

que permanecia em silêncio. É que o infeliz procurava um meio de chegar em Sabrina de um jeito que ela não pudesse agüentar. Ruan era bonito já nessa idade e ela olhava para o menino com alguma intenção, mas ele não queria arriscar. Queria que a vitória estivesse garantida no momento em que entrasse em campo.

*Como aquela final em que o Fluminense só bateu o Bangu no Maracanã porque foi escandalosamente ajudado! José Roberto Wright deixou de marcar um pênalti claríssimo em cima do atacante do Bangu... Era tão claro que a gente tem mesmo a nítida impressão de que aquilo já estava ganho para o Flu... Uma vergonha! O pessoal mais velho de Bangu não engole esse lance até hoje.*

Ruan queria vitória certa, nada de jogo duro, queria golear!

Mesmo que aqueles peitinhos saltassem todos os dias em seus sonhos no meio de sua cara, ele suportava estoicamente aquela dor de ainda não poder tocá-la, mas essa demora fazia parte da coisa toda.

Era uma madrugada dessas de calor em Bangu, e Ruan não conseguia pregar os olhos. Virava para lá e para cá, se roçava na cama feito cachorro louco pensando em Sabrina. Foi aí que teve a grande e louca idéia de sair de sua casa, andar um pouco mais para a direita na mesma rua, contar duas casas depois e tocar a campainha dela.

Tocou. Seu coração estava em disparada. Ninguém atendia. Seu coração galopava. Tocou novamente. Sabine apareceu com um shortinho de seda branco e uma camiseta sem mangas, branca também, sem sutiã, em uma porta de vidro que dava para a sua sala. Ela estava meio que dormindo e meio assustada. Ruan disse seu nome e perguntou se ela já estava dormindo. Ela disse que estava na cama, mas que ainda não havia conseguido pegar no sono porque algum tarado tinha ligado para sua casa fazia uma meia hora atrás.

“Depois dessa maldita ligação, eu não consegui mais dormir”, disse ela. “O que você quer comigo a uma hora dessas?”, perguntou.

“Quero te botar pra dormir, Sabine.”

“Ah é? E como você pretende fazer isso?”

“Abre a porta que eu te mostro...”

Ela fechou a porta de vidro e entrou.

Cinco minutos depois — que pareceram mais de uma hora —, ela veio abrir o portão para ele com a mesma roupa com que o tinha atendido um pouco antes, mas agora também estava de Havaianas nos pés...

*Escutei aquelas sandálias se arrastando antes de vê-la por inteiro e meu pau, naquela mesma hora, já tinha ido à Lua e voltado umas três ou quatro vezes! Era simplesmente uma aberração de beleza que chegava mesmo a assustar! Eu era bas-*

*tante novo e só tinha tido poucas experiências na vida e além disso ela era bem mais velha e experiente que eu.*

Entraram.

Sabrina perguntou o que ele pretendia fazer para adormecê-la. Sugeriu uma massagem e deitou de bruços em sua bela cama de casal.

*Nunca tinha visto uma cama daquele tamanho em minha vida! Era bastante grande. Aquilo me fez ficar assustado, meu coração parecia que ia explodir... Pensei em Ney, que quando via um homem muito bonito e conseguia falar com ele, dizia assim: “Me segura que eu vou dar um troço!”*

Isso fez com que Ruan ficasse um pouco mais descontraído. Mas foi por pouquíssimos segundos. Quando olhou novamente, estava ela lá com aquela bundinha linda empinada, deixando à vista aquelas curvinhas das duas partes da bunda — que numa hora dessas não consigo nem me lembrar como chamam — na minha frente.

Sabrina mandou que eu, digo Ruan... Que Ruan fizesse uma boa massagem em suas costas. Depois de fazer tal pedido, a vizinha retirou a sua camiseta.

*Aquelas costas eram o convite que eu queria para mergulhar no inferno bom das suas ancas!*

Mas Ruan sabia que se fizesse o jogo dela era capaz de perder a partida mesmo que fosse marmelada, mesmo que algum juiz estivesse apitando e marcando penalidades

grosseiras a seu favor, e decidiu virar o jogo ali mesmo sem auxílio da má-fé...

Foi se aproximando lentamente de Sabine. Chegou perto de um de seus ouvidos e atacou:

“Eu ainda sou um menino, não sei fazer massagem, mas posso cantar uma canção de ninar pra você dormir.”

E cantou de mansinho uma bonita canção em seu ouvido.

Quando acabou de cantar, Sabine estava com sua pelagem toda arrepiada. Ficou de bruços durante um tempo sentindo esses arrepios, começou a tremer... Quando parou, Ruan já não estava mais no quarto. Ela o procurou dentro da casa, correndo feito uma louca desesperada para meter, mas não havia mais ninguém lá. Reparou que chegava a pingar de tão molhada... Sentiu um calor imenso por dentro, misturado ao calor do lugar, voltou para a sua cama, se contorceu, gemeu, esperneou e não conseguiu dormir.

Resolveu então abrir uma garrafa de prosecco — que guardava em sua geladeira para uma ocasião especial — para tentar esfriar a cabeça. Decidiu também que precisava dar um mergulho para relaxar e colocou seu biquíni branco.

*Quando uma mulher bem morena coloca um biquíni branco mata qualquer cachorro que estiver a um quilômetro de distân-*

*cia. Ainda mais Sabine, que tinha um corpo espetacular e uma bunda impecável.*

Colocou seu biquíni branco e pôs-se a subir as escadas, chamando Ruan de filho-da-puta e gemendo... Colocou seu prosecco na borda, deu um mergulho e saiu. Logo depois estendeu uma toalha e se deitou perto da piscina. Fechou os olhos e imaginou a voz de Ruan cantando para ela. Se arrepiou toda, mas não foi por causa da voz do garoto. Ela sentiu uma coisa gelada em sua perna esquerda... Quando abriu os olhos viu Ruan despejando com sua boca um pouco do prosecco nela.

*Pedi que eu cantasse para ela e fui despejando o prosecco, lambendo aquela escultura e cantando uma música de Chico.*

Quando a língua de Ruan estava chegando perto da barriguinta de Sabine, ela já havia tido três orgasmos consecutivos. Suas pernas não paravam de tremer. Quando Ruan finalmente havia trabalhado a mulher inteira, se levantou e foi embora.

Dali por diante ela era dele e a goleada estava a cada dia aumentando seus números. Foderam durante uma semana sem parar.

*Lembro que ela chorava, me pedia para ficar mais, me pedia para casar com ela, me pedia para fazê-la gozar mais e mais... Eu estava virando uma múmia. Não podia fazer mais nada a não ser trepar e trepar. De todos os jeitos e formas,*

*com mais mulheres, com meus amigos olhando, pelo telefone, no parque, na roda gigante, no Jardim Botânico, dentro de uma igreja, na rua, na chuva, na casa de seu ex-marido com ele olhando...*

Até que finalmente Sabrine precisou viajar para uma reunião de negócios e se ausentou por uns dias.

*Quando Sabrine viajou, comecei a me dar conta de que tinha entrado e caído no seu jogo. No começo achava que estava goleando, mas depois o poder de reação daquela mulher me mostrou que era ela quem estava acabando comigo... Eu não fiz mais nada nessa época. Só fodi e fodi o tempo inteiro. Me tornei um completo escravo dela e decidi que iria abandoná-la a qualquer custo.*

Ruan acabou por decidir que precisava mesmo abandoná-la e resolveu fazer o que estava querendo antes de conhecer Sabrine: se mudar.

*Havia, em mim, uma excitação plena (ou quase) na presença de uma mulher. No começo era um tipo de prazer maternal: toda mulher é uma mãe em potencial e eu me sentia filho de todas elas... Depois, mais velho, o que me consumia era a tara, era o bicho novo querendo penetrar a fêmea, era o animal querendo copular, era a violência do ato, era a energia no talo me tomando todas as horas do dia e da noite... Eu suava!*

Mas em Ruan já se deixava transparecer um olhar com certa poesia adulta, com certo cheiro sublime para-

do no ar, um toque, um perfume novo, um sabor de maçã divina, o pecado, o prazer. Diariamente sentia contrações esquisitas e até alguma dor em determinadas partes de seu corpo. Quando via uma mulher de beleza brutal e avassaladora, ele tremia.

A partir dos 18 anos de idade, Ruan, mostrando mais sua cara ao mundo, dizendo mais a que veio, se liberando mais, conheceu uma mulher de nome Arlette numa dessas ruas da Lapa.

*Foi em Vila Isabel que a conheci...*

Ainda desgostoso com o fim do namoro com Carlinha, Ruan percebeu que nem todas as mulheres existiam por ele e pra ele. Carlinha foi vista com um menino mais velho, mais forte, mais bonito e mais vazio andando de carro pela Barra da Tijuca num sábado à noite, aos beijos e feliz.

Ruan jurou um dia ter um carro tão bacana quanto aquele.

Arlette era uma prostituta de seus 35 anos.

*Ela me escondia a idade.*

Conheceu a dita num bar em Vila Isabel.

Arlette era negra, esplendorosa e bela, boa de papo e de boca, fazia o melhor café da cidade e produzia um chá com um gosto amargo, misto do cigarro que não parava de fumar e dos doces que não parava de comer. Ainda assim ti-

nha um sorriso límpido e branco. Ele estava completamente apaixonado pela puta que a cada dia lhe ensinava mais sobre o amor — lhe contando suas experiências amorosas — e fornicamentos dos mais variados com todo tipo de gente possível. Pense em Geni na música de Chico: era ela.

Arlette lhe mostrava os vários tipos de mulher, seus jeitos e o que gostavam. Era tão inteligente e experiente — antropológicamente — que só pelo jeito dos pés sabia dizer se uma mulher gostava assim ou assado, de um modo ou de outro, por trás ou pela frente, batendo ou fazendo carinho — ou fazendo os dois simultaneamente — ou se gostava de fazer com mais de um, se gostava de mulher, se gostava de anão, se gostava de animais, se gostava dos feios, se gostava de fezes.

*E lá ia eu experimentando tudo que vinha pela frente, pra tirar a prova dos nove... E tirava e era fato, ela estava certa quase todas as vezes, ela estava certa, a vadia!*

Arlette também saía com machos e foi aí que Ruan teve sua primeira impressão forte sobre os homens, vista de fora, como se ele fosse uma mulher. Se assustou de estar vendo sua própria imagem refletida e achou feio justamente o que era espelho, e discordou da sentença escrita na bonita canção de Veloso pra São Paulo com que antes concordava. A puta era a mulher mais direta e interessante que Ruan havia conhecido até ali. Ele estava fascinado

por ela e ficava em sua casa, na Lapa, durante o tempo em que ela não estava de serviço. Carlinha já não estava mais na sua cabeça.

*Eu ficava na casa de Arlette quando ela, a puta, não tinha foda marcada. Eu me empanturrava com seus doces maravilhosos e bebia seu chá amargo enquanto ouvia suas histórias sobre todas aquelas pessoas que conhecia em seu trabalho.*

Ruan foi criado por essa mulher dos 18 aos vinte anos, quando, num belo dia nublado na Lapa, encontrou Arlette deitada em sua cama, de pernas abertas, toda roxa e ensangüentada, mas ainda viva, respirando com dificuldade e sussurrando um pedido de socorro tacanho que mal se ouvia até mesmo dentro do quarto da puta. Ruan...

*Eu peguei meu amor nos braços, gritei por socorro, chamei um táxi, corremos para o hospital...*

Mas Arlette não resistiu e morreu no caminho. Ainda viva, deixou com Ruan o esmalte vermelho que ele aprendeu a usar pintando a unha do dedinho do pé esquerdo sempre que ela descascava ou sempre que estava triste com algum acontecimento de sua vida. Ele pintava para deixá-la mais radiante, com mais brilho. Pintava também por mandinga feita na casa de pai Alberto. Pintava em homenagem a Exu ou talvez a uma pombajira que baixou na cabeça de Arlette — apenas uma vez — para resolver um problema grave na vida da própria puta. Ainda viva,

Arlette declarou ter sido morta por gente da polícia militar. Os mesmos que estão nas ruas para defender a população. Os mesmos também que mantinham relações com a puta havia mais ou menos dois meses.

*Arlette chegou a me falar que andava saindo com bonecos fardados e eu lembro que insisti para que parasse, mas...*

Arlette era folgada, metida, vivia em qualquer lugar, debaixo de qualquer teto, sabia de tudo, conhecia todo mundo, não tinha medo de nada, a não ser de barata. Ela ficava em pânico quando encontrava as baratas pelo caminho, e sua casa tinha uma dezena delas. Principalmente no calor, quando elas se proliferam e saem mais de suas tocas fedidas para tomar um banho de sol, como o resto das baratas kafkianas fazem nesses dias.

*Eu me lembro que... Eu pedi pra que ela parasse de sair com esses animais, mas Arlette era fogo, não ouvia, dizia que eles eram como nós, assim, carentes, e que também precisavam de carinho e um pouco de chá da Arlette pra relaxar... Era assim que ela dizia: “Um pouco de chá da Arlette pra relaxar...”*

Todos em Vila Isabel sabiam que a puta tinha sido estupro e assassinada por esses porcos de azul, e todos sabiam quem eram eles. Mas ninguém se mexeu, como é de praxe com o povo daqui... Ninguém se mexeu. E ainda houve quem dissesse: “Arlette era uma puta e teve o que mereceu.”

Nesse dia trágico, Ruan escreveu:

*Ter duas mãos parece pouco  
Ter dois olhos parece muito  
Olhá-la me dói as ancas  
Olhar é sempre sofrer  
Sempre não poder tocar  
E gostar de não poder*

*Mas ter duas mãos é pouco  
Quando posso te tocar  
Porque queria ter comigo guardada  
A sensação do teu corpo inteiro  
Esse teu corpo que me quasa  
Esse teu corpo que é excesso de tudo que é belo  
E a beleza é terrível  
A tua beleza me mata Anja!  
A tua beleza te mata Puta!  
Ter dois membros me faria um Deus  
Um ser maior  
Quisera ter três pra te dar Anja!  
Ter dois olhos parece muito  
Mas ter uma cabeça e milhões de idéias a teu respeito  
Dói mais...  
Dói a dor de conceber um mundo  
E sabê-lo teu.*

Colocou o poema nas mãos de Arlette morta. Sonhou fazer música nele.

Apertou o poema em suas mãos antes de fecharem a cama de madeira e saiu do cemitério de Irajá sem deixar cair uma lágrima sequer.